

Ampliando o limite Norte do Boqueirão

*Repoussant la limite
Nord du Boqueirão*

Flávio Chaimowicz
Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas



Serra do
Ramalho

Continua mesmo?

- Já te falei que continua.

- Mas o teto não abaixa não ?

- Já te falei que não !

Uma galeria ampla, fazendo uma curva para à esquerda e impedindo que se acompanhasse com o olhar a continuação do conduto. Eu acompanhava com a imaginação. Com receio de escorregar na lama instável do patamar onde o Ezio estava, e despencar 10 metros abaixo até chegar ao rio, tive que me contentar com a visão da curva. Era a última base, no extremo norte da Lapa do Boqueirão. Dali para frente tudo o mais era desconhecido. Mas a direção era perfeita. A bússola praticamente não saía da posição zero graus desde a Praça Raul Soares e este conduto intermediário entre o conduto do rio e o conduto superior já tinha sua tradição de alguns quilômetros naquela caverna. De volta a Belo Horizonte, por várias vezes eu adormeci na cama quentinha pensando naquela continuação. E depois de umas 3 cervejas no bar, repetia de novo a mesma pergunta.

- Mas dava mesmo para você ver dali?

- Já te falei que continua...

Primeiro dia: as conexões

Sáimos de BH (eu, Daniel e Ezio) na sexta-feira de madrugada e no fim da tarde já estávamos tomando uma cerveja na grande mesa da casa do Zé, divertindo ao ver a criançada com os brinquedos que o Roberto Brandi mandou lá de São Paulo, incluindo um chinelo tipo pantufa com cabecinha de Leão. Lá pelas 9 da manhã de sábado já estávamos deixando o carro e começando a subir o leito seco do rio que leva à entrada do Boqueirão.

Acampar na entrada da caverna economizava pelo menos 3 horas por dia e estava ficando inviável explorar condutos distantes e voltar no mesmo dia para a Agrovila 23. O problema era carregar no Sol quente aquela mochila com equipamento para explorar, fotografar, acampar e jantar. Incluindo os vinhos...

-Ça continue vraiment?

- Oui, je te l'ai déjà dit.

- Mais le plafond ne s'abaisse pas?

- Je t'ai déjà dit que non!

D'où je me trouvais, je pouvais apercevoir une vaste galerie faisant une courbe sur la droite et masquant la suite du conduit. Et c'est bien tout ce qu'il m'était donné de voir. Pour le reste, j'extrapolais en laissant vagabonder mon imagination au gré des détours de la galerie. Pour le moment, je devais en effet me contenter de la vision de cette courbe car je craignais alors de glisser sur la boue instable du palier où Ezio se tenait, et de dévaler ainsi les dix mètres qui me séparaient de la rivière, en contrebas. Nous avons atteint le dernier point topo, à l'extrême Nord de la Lapa do Boqueirão, lequel délimitait le connu de l'inconnu qui s'étendait désormais devant nous. Cependant, la direction était parfaite: l'aiguille de la boussole ne cessait pratiquement pas de coller au degré zéro depuis la Praça Raul Soares; et ce conduit, occupant une position intermédiaire entre la galerie supérieure et celle du rio, nous avait déjà permis auparavant d'en vérifier le développement sur quelques kilomètres. Une fois de retour à Belo Horizonte, il m'est arrivé bien souvent de m'endormir dans mon petit lit douillet tout en pensant à cette continuation. Et quand je fréquentais les bars, après avoir liquidé la troisième bière, je reposais une fois de plus la lancinante question:

- Mais d'où tu étais, tu es bien sûr que tu pouvais voir?

- Je t'ai déjà dit que ça continuait...

Le premier jour: les connexions

Daniel, Ezio et moi-même avons quitté Belo Horizonte un vendredi à l'aube, et le même jour, en fin d'après-midi, nous étions déjà tous les trois réunis autour de la grande table de Zé, à siroter une bière tout en nous divertissant à la vue des enfants qui s'amusaient avec les jouets que Roberto Brandi leur avait envoyés de São Paulo, et parmi lesquels se trouvait une paire de pantoufles à pompons ornées d'une petite tête de lion. Le lendemain matin, sur les coups de neuf heures, nous avions déjà abandonné le véhicule et nous commençons à remonter le lit du rio à sec qui devait nous conduire à l'entrée du Boqueirão.

Nous nous étions résolus à planter la tente à l'entrée de la caverne afin de nous éviter la peine d'être astreints à regagner à chaque fois Agrovila 23, ce qui aurait représenté une perte de temps de trois heures par jour, ainsi que l'impossibilité à explorer des conduits distants,

Pushing the Northern Limits of Boqueirão

A large passage, turning to the left, making it impossible for us to know what lay ahead. That was the last sight of the previous expedition. Now, three months later, it was time to return and find that out. The passage kept going, still large, for about a 100 metres. Then there was a low ceiling passage leading again to the river. A small passage, with a promising draught, took us to a room from where we could see an upper passage, that seemed to continue. Leaving us with the same doubt, of what lay ahead, for the next expedition.

O vento vinha de cima mas não estava fácil subir. Discuti com Daniel a melhor estratégia e decidimos enviar o nosso “sonda”, que após alguns malabarismos já mandava uma corda lá do alto.

Le vent soufflait du haut et il n'était pas facile de grimper. Je me suis alors entretenu avec Daniel sur la meilleure stratégie à adopter et nous avons opté pour envoyer notre “sonde”, laquelle après quelques contorsions acrobatiques était déjà en mesure de nous lancer une corde de là-haut.

Montamos o acampamento e uma “ducha” próxima à entrada, utilizando mangueiras que drenavam a água dos travertinos. Como esperávamos a chegada de outra equipe no dia seguinte, decidimos não ir direto ao “filet” da caverna, no limite Norte. Seguimos por algumas centenas de metros o conduto seco do rio, até à entrada superior. A última viagem já tinha provado que, no caso de equipes pequenas, chegar às áreas de exploração através desta entrada superior não só economizava tempo como tinha a vantagem de evitar os condutos molhados e enlameados do rio, um detalhe importante para o dia das fotografias.

Iríamos testar a sedutora hipótese de que a galeria topografada no último dia da viagem anterior, pela Lília, Êzio e Fernando, voltando na direção Norte-Sul, se conectava a um conduto lateral da galeria do rio, a poucas centenas de metros da entrada superior. Seria um enorme atalho para chegar à Grande Barreira de Lama e então alcançar as galerias ao Norte, além de tornar possível evitar os condutos da Chuva de Guano, do Sujo e do Mal Lavado.

O trecho desconhecido desta possível conexão começava na parte de baixo de um pequeno abismo

par faute de temps. Pour ce faire, nous avons bien été obligés d'emporter tout l'attirail indispensable à ce genre d'expédition, et nous marchions donc ainsi, les sacs à dos accrochés à nos épaules, chargés, entre autres, de l'équipement propre à l'exploration, du matériel photographique, du nécessaire de camping et des provisions, sans oublier les vins...Ce qui, sous le soleil ardent, ne représentait pas une mince affaire.

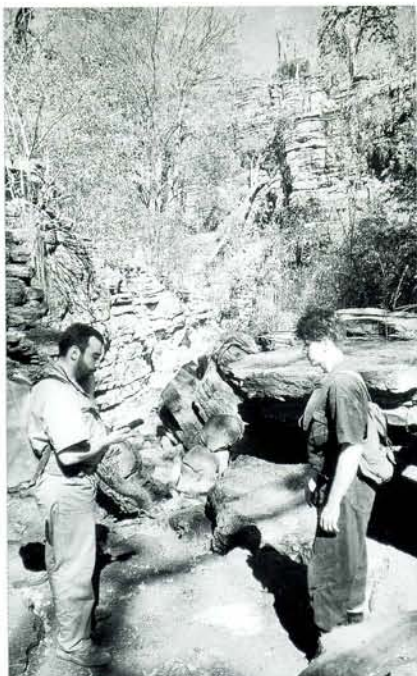
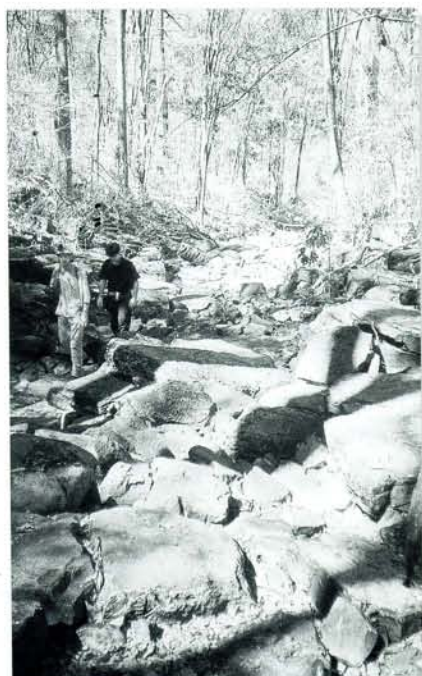
Une fois sur place, nous avons monté la tente et nous avons installé une “douche” de fortune aux abords de la cavité, en nous servant de tuyaux qui drainaient l'eau des points d'eau alentour. Comme nous attendions l'arrivée de l'autre équipe, prévue pour le lendemain, il fut décidé de ne pas rejoindre tout de suite le “filet” de la caverne, c'est à dire la limite Nord. Nous nous sommes donc contentés de suivre le conduit du rio à sec, sur une centaine de mètres, jusqu'à l'entrée supérieure. La dernière expédition avait démontré que, lorsque les équipes sont restreintes, il valait mieux aborder les aires d'exploration en empruntant cette entrée supérieure, et ce pour deux raisons: une économie de temps allée à l'avantage d'éviter les galeries inondées et boueuses du rio, détail qui pouvait s'avérer important, surtout le jour des photos.

Nous allions enfin être en mesure de vérifier de visu la séduisante hypothèse selon laquelle la galerie précédemment topographiée par Lília, Ezio et Fernando, qui se réorientait Nord-Sud, se connectait bien à un

Aspectos do
canion do
Boqueirão. Uma
das paisagens
mais
fantásticas da
serra do
Ramalho.

Aspects du
canyon du
Boqueirão. Un
des paysages
les plus
fantastiques de
la serra du
Ramalho.

Fotos: Ezio
Rubboli



de cerca de 10 metros. O vento vinha de cima, mas não estava fácil subir. Discuti com o Daniel a melhor estratégia e decidimos enviar o nosso "sonda", que após alguns malabarismos já mandava uma corda lá do alto. Na realidade não era tão difícil subir... Começamos a topografar contra um vento forte, em uma galeria de 4 metros de largura por 5 de altura, e após 3 ou 4 bases já interceptamos outra galeria, mais ampla, Norte-Sul. Seria o conduto da conexão?

Por curiosidade, começamos topografando na direção Sul, atravessando trechos planos de um conduto sinuoso até que depois de uma forte curva para à direita, nos deparamos com um enorme espaço vazio. Um conduto transversal de pelo menos 20 metros de largura, 30 de altura, impossível de iluminar até o fim. Era a primeira bela conexão da viagem: ligamos o conduto do rio ao conduto superior, alguns quilômetros ao Sul da outra conexão conhecida (aquela próxima ao chão de estrelas). Mas se já era difícil transitar naquele grandão por causa da grande quantidade de blocos abatidos recobertos de lama, imagine topografar fazendo irradiações e poligonais nos trechos mais largos? Nem pensar! Voltamos ao ponto inicial daquela topografia (a conexão com a galeria superior do abismo) e começamos a seguir ao contrário, rumo Norte. Percorremos centenas de metros de uma galeria plana e sinuosa, bastante fácil.

- Azimute: 3 e meio; Azimute: 12 e meio; Azimute: 258 e meio.

Com tanto e-mail, batizamos o local como Conduto Arroba. Quinze e-mails depois alcançamos a última base da última topo da última viagem. Estava feita a conexão mais importante. Do acampamento lá fora ao chão de estrelas, passando pela entrada superior e através do abismo alcançando o Conduto Arroba, dali até a Grande Barreira de Lama. Pelo menos duas horas de economia, contando ida e volta. A nossa parte estava feita, com a conexão dos atalhos. Faltava agora a caverna fazer a parte dela e continuar vários quilômetros rumo Norte depois do Salão das Pedras Empilhadas. Mas já era tarde e deixamos para o outro dia.

Nada como uma ducha depois de tanta lama. Estávamos felizes com os resultados e comemoramos com vinho do porto e calabresa frita, além de mussarela assada em espetinhos na fogueira, tudo sob o céu estrelado da serra do Ramalho. Os índios que ocuparam aquele sítio não deixaram tantas pinturas à toa. Era um belo lugar para se viver.

Segundo dia: o compromisso.

O amanhecer naquele sítio arqueológico é pura arte. Uma gigantesca gameleira branca com centenas de raízes escorrendo por seu tronco muda

conduit latéral de la galerie du rio, à tout au plus quelques centaines de mètres de l'entrée supérieure. Si tel était bien le cas, ce chemin de traverse constituerait un formidable raccourci pour se rendre à la Grande Barreira de Lama et rejoindre ensuite les galeries Nord; en plus de permettre d'éviter les conduits de la Chuva de Guano, du Sujo et du Mal Lavado.

Le tronçon inconnu de cette possible connexion débutait dans la partie basse d'un petit gouffre de près de dix mètres. Le vent soufflait du haut et il n'était pas facile de grimper. Je me suis alors entretenu avec Daniel sur la meilleure stratégie à adopter et nous avons opté pour envoyer notre "sonde", laquelle après quelques contorsions acrobatiques était déjà en mesure de nous lancer une corde de là-haut. En vérité, l'escalade n'était pas si aisée... Nous avons amorcé notre topo face à un fort vent, dans une galerie d'une largeur de quatre mètres et s'élevant à cinq mètres, et trois ou quatre points topo plus tard, nous débouchions sur un conduit plus vaste orienté Nord-Sud. Avions-nous rejoint là la galerie de jonction?

Par curiosité, nous avons entamé la topo en direction du Sud, à travers les parties planes d'un conduit sinueux, jusqu'à ce que nous ayons été arrêtés, à la suite d'une forte courbe s'engageant sur la droite, par un imposant espace vide: une énorme galerie transversale d'au moins vingt mètres de large et de trente de haut, impossible à éclairer dans sa totalité. C'était la première connexion significative de l'expédition. Nous avons raccordé le conduit du rio à la vaste galerie supérieure, en un point situé à quelques kilomètres au Sud de l'autre jonction déjà effectuée (qui se trouve à proximité du tapis d'étoiles). Mais s'il n'était déjà pas commode de transiter au sein de cette dernière, à cause de la grande quantité de blocs recouverts de boue y jonchant le sol, imaginez ce que cela pouvait donner quand il s'agissait de topographier en faisant des irradiances et des polygones dans les parties plus larges? Nous sommes retournés au point de départ de cette topo (à la jonction de la galerie supérieure du gouffre) et nous avons pris le chemin inverse vers le Nord. Nous avons parcouru une centaine de mètres dans une galerie plane et tortueuse, relativement facile.

- "Azimut: 3 e meio; azimut: 12 e meio; azimut: 258 e meio."

Au milieu de tant d'e-mails (e meio/e mail), nous avons baptisé ce local du nom de Conduto Arroba. Et quinze e-mails plus tard, nous atteignons la dernière base de la dernière topo de la dernière expédition. Le raccordement le plus important était fait. Il nous permettrait d'établir un réseau plus pratique. En partant du bivouac, à l'extérieur; jusqu'au tapis d'étoiles, en passant par l'entrée supérieure, à travers le gouffre, on déboucherait sur le Conduto Arroba et, de là, on rejoindrait la Grande Barreira de Lama. Ce qui représenterait un gain de temps d'au moins deux heures sur un aller-retour. Nous avions apporté notre contribution en reliant les raccourcis. Il ne manquait plus à la caverne que de collaborer à notre effort en poursuivant ainsi son chemin pendant encore quelques kilomètres en direction du Nord jusqu'à après le Salão das Pedras Empilhadas. Mais il commençait à se faire tard et nous en resterions donc là pour aujourd'hui.

Après les bains de boue, rien de tel qu'une bonne douche. Nous étions satisfaits des résultats obtenus et nous les avons arrosés au Porto avec des saucisses, des tranches de mozzarella cuites au feu de bois sous le ciel

Finalmente atravesssei a curva tão sonhada. Sentamos para um lanchinho antes de começar a topografia. A caverna já tinha mais de 12 km; onde nos levaria aquela galeria Norte?

Nous nous sommes assis pour casser la croûte avant de nous mettre à la topo. La caverne totalisait déjà plus de douze kilomètres; où nous emmènerait donc cette galerie Nord?

de cor à medida em que o Sol desponta no horizonte. Em um momento fugaz, a luz do Sol nascente refletida no alto do paredão ilumina o tronco. E a gameleira fica lilás, depois vermelha, alaranjada, amarela... Neste momento poético, quando o gorjeio dos pássaros anuncia o despertar de mais um dia, o ar ainda fresco da madrugada que se despede nos convida para ir rapidamente ao banheiro fazer nossa obra, antes que as moscas aqueçam suas asas.

Depois do café é hora de visitar as pinturas, algumas dezenas de metros à direita. Geométricos tricolores de muito bom gosto e bem conservados, alguns zoomorfos e uma bela machadinha. Se a aquela longa linha preta que atravessa todo o painel é o pescoço de uma ema, é o maior que já vi, deixando no chinelo os da Lapa dos Desenhos, no Vale do Peruaçu.

OK, eu sei que estou enrolando. Mas também enrolamos um pouco lá. As conexões do dia anterior economizaram muito tempo e ao sair da barraca já estávamos a 2 horas da última base Norte da caverna. Passamos pela entrada superior, subimos o abismo, descemos a Grande Barreira de Lama e o pequeno abismo próximo

étoilé de la Serra do Ramalho. Ce n'est nullement un hasard si ce site avait été le lieu d'élection des indiens qui l'occupèrent et qui laissèrent tant de peintures à la postérité.

Le deuxième jour: le compromis

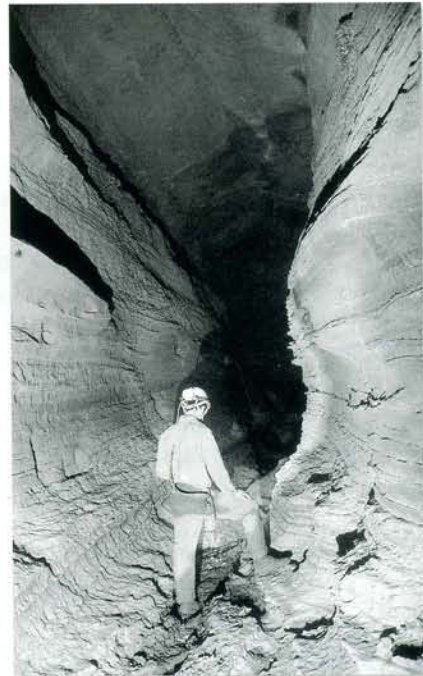
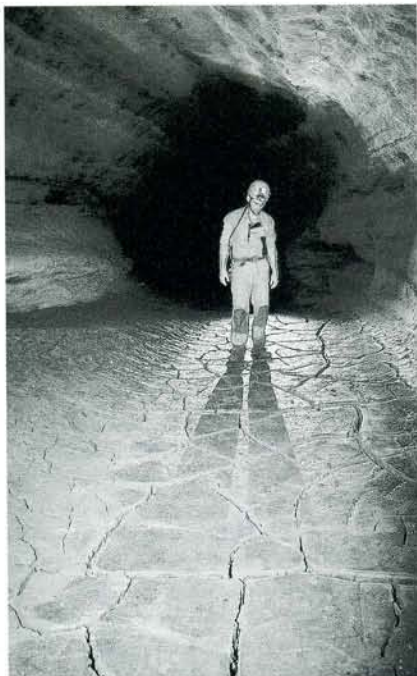
Les levers de soleil dans cette région sont de l'art pur. Un gigantesque "gameleira" blanc, déployant des centaines de racines, prenait des teintes diverses à mesure que le soleil s'élevait à l'horizon. À un certain moment, fugace, la lumière du soleil levant, réfléchi par la partie haute de la paroi, illuminait le tronc. Le "gameleira" vira au lilas, puis au rouge, à l'orangé, au jaune... Et c'est lors de ces instants poétiques du matin, quand le gazouillis des oiseaux annonce le début d'une nouvelle journée et que la fraîcheur de l'aube commence à se dissiper, qu'il est l'heure de se diriger rapidement vers les douches pour y faire ses ablutions avant que les mouches ne déploient leurs ailes.

Une fois le p'tit déj terminé, l'heure était à la visite des peintures qui s'étendent sur une dizaine de mètres à droite: des figures géométriques tricolores d'un goût raffiné et bien conservées, d'autres zoomorphes et une belle petite hache. Si la longue ligne noire qui traverse l'ensemble de l'oeuvre représente bien le cou d'un "ema" (volatile de grande envergure ressemblant à une autruche), celui-ci est bel et bien le plus grand de ceux que j'ai eu la chance d'observer jusqu'à présent, laissant loin derrière lui ceux de la Lapa dos Desenhos, dans le Vale do Peruaçu.

Majestosa
entrada do
Boqueirão.
Acesso
principal a mais
de treze
quilômetros de
galerias.

La majestueuse
entrée du
Boqueirão.
Accès principal
aux plus de 13
kilomètres de
galerias.

Fotos:
Ezio Rubbioli e
Flávio
Chaimowicz.



ao chão de estrelas, e lá estávamos nós novamente, atravessando a arquibancada e o Salão das Pedras Empilhadas. Em alguns trechos mais perigosos ou chatos, eu e Daniel acionamos “o sonda” para colocar uma cordinha aqui, bater um spit ali, e gastamos ainda algum tempo para equipar o patamar escorregadio sobre o rio que interrompeu nossa última exploração.

Finalmente atravessei a curva tão sonhada. Sentamos para um lanchinho antes de começar a topografia. A caverna já tinha mais de 12 km; onde nos levaria aquela galeria Norte?

Acompanhem agora em câmara lenta: terminamos o lanche... pego minha mochila... abro a mochila... procuro a bússola com as mãos dentro da mochila... achei a bússola... opal! o lanche deve ter derramado pois tem um líquido meio melado aqui... tirei a bússola e algo me chama atenção... o vidro da bússola está rachado... o líquido da bússola vazou !!!

Daniel e o sonda já estavam 50 metros à frente, marcando a próxima base.

- “Pessoal, a bússola quebrou !”

- “Deixa de ser bobo Flávio, faz esta leitura logo”

- Tô falando sério. Quebrou mesmo e o líquido vazou”

- “Não enche não Flávio. Anda logo”

Era realmente algo muito difícil de acreditar. Gastamos um dia inteiro de viagem de BH à Agrovila 23, uma hora de carro mais outra a pé até a entrada da caverna, outra para acampar, várias horas equipando o caminho e descobrindo atalhos para chegar rapidinho ao início da topografia, e a bússola quebrou ?

Ficamos inconformados. Segundo a ética do Bambuí, não poderíamos explorar sem topografar. Gasta muito rápido os condutos novos da caverna.

Lembramos então que, graças a São João do Travertino, o espeleo-santo das causas quase impossíveis, havíamos deixado outra bússola no acampamento. Mesmo assim eram pelo menos duas horas até as barracas, duas para voltar com a bússola, mais duas para sair no final dia... Resolvemos então firmar um compromisso. “Vamos dar uma olhadinha sem topografar hoje, e amanhã a gente volta e topografa o que exploramos”.

O Conduto do Compromisso continuou amplo por mais uns 100 metros, depois veio um teto baixo e largo, e que estreitou de vez ao chegarmos novamente ao rio. Quebra-corpo de ter que tirar a lanterna para passar. Mas ventava, o que não só nos deixava tranquilos em relação ao oxigênio (pois o Conduto do Ar Rarefeito ficava próximo dali) como aumentava muito a chance de continuação.

OK, je sais que je m'égare un peu, mais nous avons trainé un petit moment dans ces parages. Toutefois, les connexions découvertes la veille allaient nous faire gagner un temps précieux; et à peine étions nous sortis de la tente que nous n'étions plus qu'à deux heures de la limite Nord. Nous sommes passés par l'entrée supérieure, avons monté le gouffre, descendu la Grande Barreira de Lama et le petit abîme proche du tapis d'étoiles; et nous recommencions maintenant la traversée de l'"arquibancada" et du Salão das Pedras Empilhadas, avant de rejoindre le point topo tant désiré. Dans les parties les plus dangereuses ou ennuyeuses du parcours, Daniel et moi avions actionné "la sonde" pour installer une corde ici, un spit là, et nous avions encore eu besoin de quelque temps pour équiper le palier glissant sur le rio qui avait interrompu notre précédente exploration.

Nous nous sommes assis pour casser la croûte avant de nous mettre à la topo. La caverne totalisait déjà plus de douze kilomètres; où nous emmènerait donc cette galerie Nord?

Suivez nous maintenant au ralenti: nous venions d'achever notre lunch...je prenais mon sac à dos...je l'ouvrais...j'y plongeais le bras à la recherche de la boussole...je m'en saisisais...mais quoi? Une partie de la nourriture devait s'y être répandue car je sentais alors une matière gluante aux bouts des doigts...la boussole à la main, quelqu'un me fit remarquer que...le verre de celle-ci était fêlé et que...le liquide qui y était contenu s'en était échappé!!!

Daniel et "la sonde" se trouvaient déjà à 50 mètres devant, marquant le prochain point topo.

- Eh les gars, la boussole est cassée!

- Arrête de dire des bêtises Flávio, et fait le point tout de suite!

- Je parle sérieusement. Elle est vraiment cassée et le liquide s'est fait la paire.

- Ne nous les gonfle pas Flávio. Vas-y!

C'était vraiment dur à admettre. Nous avions mis une journée entière de voyage pour rejoindre Agrovila 23, roulé pendant une heure et marché durant une autre jusqu'à l'entrée de la cavité; une heure de plus nous avait été nécessaire pour établir notre campement, plusieurs pour équiper la voie et découvrir des raccourcis afin d'arriver le plus vite possible au début de la topo, et tout ça pour s'entendre dire que la boussole s'était cassée?

Nous étions inconsolables. Selon l'éthique du Bambuí, il n'était pas question d'explorer sans topographier.

Il nous vint soudain à l'esprit que, grâce à Saint Jean du Travertino, le saint-spéléo des causes pratiquement perdues, nous avions laissé une boussole au bivouac. Mais il nous aurait fallu quand même quatre heures pour faire l'aller-retour, sans compter, en fin de journée, les deux heures supplémentaires nécessaires pour s'extirper de la caverne... Le plus sage était donc de faire le compromis suivant: "Aujourd'hui, on va reconnaître le terrain et demain il ne nous restera plus qu'à le topographier."

Le Conduto do Compromisso garde son ampleur sur plus de cent mètres, puis vient un plafond bas et large qui se rétrécit lors de sa réencontre avec la rivière.

Il fallait alors se faire tout petit et retirer ses lanternes pour passer. Mais il ventait, ce qui ne manquait pas de nous rassurer, d'abord pour l'oxygène (le Conduto do Ar Rarefeito se trouvait pourtant dans les parages) et aussi car ce phénomène augmentait d'autant les chances d'une suite.

Um vento forte convidava para uma raladinha, e qual não foi nossa surpresa ao voltar para o Condutaço, exatamente do outro lado do desmoronamento!

Un vent fort nous invitait à y voir de plus près, et quelle n'a pas été notre surprise quand nous avons débouché sur le grand conduit, exactement de l'autre côté de l'éboulis!

O Boqueirão apresenta vários níveis de condutos.

Abaixo, o abismo de 8 metros que proporcionou um atalho de mais de 2 quilômetros na exploração dos locais mais distantes.

Le Boqueirão présente plusieurs niveaux de galeries. En bas, l'abîme de 8 mètres qui se révèle être un raccourci de plus de 2 kilomètres pour l'exploration des galeries les plus distantes.

Fotos:
Ezio Rubbioli e
Flávio
Chaimowicz.

Seguimos como contorcionistas, serpenteando por uma galeria bastante estreita até chegar a uma sala onde o conduto seguia ao alto, uns 3 metros acima de onde estávamos. Os pontos de apoio para a subida eram razoavelmente difíceis e escorregadios, e estávamos sem cordas e spits. Eu e Daniel lançamos então nossa sonda, que subiu por ali como se fosse fácil. E ficamos lá embaixo, vendo a luzinha sumir pela galeria estreita, ouvindo aquele som animador de alguém forçando um quebra-corpo. Mas era o extremo Norte da caverna, onde residiam nossas grandes esperanças. O barulho mudou de roc-roc-roc para tcha-tcha-tcha e aos poucos desapareceu.

O terceiro dia: novidades no Condutaço.

Dois dias inteiros de exploração e menos de 500 metros topografados. No dia seguinte decidimos voltar ao Condutaço, primeiro explorando na direção Norte, tentando a conexão com os salões próximos à Grande Barreira de Lama.

Finalmente começaram as visadas de 40 a 50 metros (foram umas 20 neste dia). Apesar do relevo acidentado, o conduto era bastante reto e a

C'est ainsi que avons poursuivi notre chemin, comme des contorsionnistes, en suivant une galerie assez étroite qui serpentait jusqu'à une salle dans laquelle le conduit se prolongeait plus haut, à environ trois mètres de l'endroit où nous nous tenions. Les points d'appui permettant l'escalade étaient plutôt difficiles et glissants, et nous n'avions ni cordes, ni spits. Daniel et moi avons alors lancé notre "sonde" qui escalada sans le moindre problème, nous indiquant que la montée devait être aisée. Et nous sommes restés ainsi en bas à regarder la lumière disparaître dans la galerie étroite, à l'écoute d'un son encourageant de quelqu'un étant en train de forcer un rétrécissement. Cependant, c'était à l'extrême Nord de la caverne que résidaient nos plus grands espoirs. Le bruit du toc-toc-toc s'était mu en tcha-tcha-tcha et s'assourdissait peu à peu avant de s'estomper tout à fait.

Le troisième jour: des nouveautés dans le grand conduit.

Deux journées pleines d'exploration pour un résultat de moins de 500 mètres de topo. Le lendemain, nous avons pris la décision de retourner au grand conduit, nous dirigeant d'abord vers le Nord à la recherche d'une jonction avec les salles avoisinant la Grande Barrière de Lama.

Nous en arrivions enfin aux visées de 40 à 50 mètres (nous en avons totalisées une vingtaine ce jour-là).



topografia andou rápido. Logo chegamos ao Salão Pirlimpimpim, já conhecido, não sem antes visitar uma convenção de pererecas que se realizava por ali. Mais uma bela conexão.

Voltamos pelo Conduto Arroba, começamos a explorar o Conduto na direção Sul. Continuava bastante amplo - uns 30 metros de largura por 20 de altura - mas cerca de 200 metros depois um grande desmoronamento colocava um ponto final na exploração.

Ou seria um ponto e vírgula? Na parede da esquerda um estreito de meio metro de largura chamava atenção em meio àquela galeria tão grande. Um vento forte convidava para uma raladinha, e qual não foi nossa surpresa ao voltar para o Conduto, exatamente do outro lado do desmoronamento! Mais 200 metros e novo desmoronamento obstruindo a galeria. O vento vem forte por entre os blocos abatidos, mas nossa tentativa preliminar de atravessar foi frustrada. Estava meio tarde e ainda havíamos programado algumas fotos para aquele dia.

Não custava nada uma olhadinha em outro conduto lateral. Acabou se revelando uma galeria lateral ampla, que possivelmente deverá se conectar com trechos já conhecidos da caverna. Será necessário uma corda de uns 15 metros para vencer um pequeno abismo.

Alguns dias mais tarde, com o mapa pronto, descobrimos que o desmoronamento onde interrompemos a exploração do Conduto deve ser o mesmo onde a equipe que explorou no sentido Sul-Norte parou em uma expedição anterior, e esta nova conexão é muito provável. O Conduto representará então quase a metade do eixo Norte-Sul do Boqueirão.

Quarto dia: honrando os compromissos.

O último dia de nossa viagem não teve surpresas. Fomos diretamente ao fundo da caverna topografar até a entrada do Conduto Tcha-Tcha-Tcha. Como já estávamos por ali mesmo, o sonda convenceu a mim e ao Daniel a terminarmos a topografia daquele trecho, o que incluía um estreito que se atravessava engatinhando; uns 150 metros engatinhando... (veja a minhquinha no mapa).

Restaram excelentes opções para as próximas viagens: a continuação desconhecida do Tcha-Tcha-Tcha, a tentativa de alcançar o Conduto, mais ao Norte e mais ao Sul do que nos limites atuais da caverna, e a conexão entre a topografia vinda do Norte pelo Estreito do Vento Sul e vinda do Sul, próxima ao Conduto da Avalanche, além de algumas conexões dentro da área conhecida da caverna.

E a conversa no bar até que não mudou tanto:

- "Mas você acha que o Tcha-Tcha-Tcha continua?"

- "Já disse que continua..."

Malgré le relief accidenté, le conduit était assez droit et la topo avait atteint une bonne cadence. Nous avons bientôt rejoint le Salão Pirlimpimpim, déjà connu, après avoir au préalable assisté à une convention de batraciens qui se tenait dans le coin. Encore une belle connexion!

Nous avons fait demi-tour en suivant le Conduto Arroba et nous nous sommes mis à explorer le grand conduit vers le Sud. Celui-ci se prolongeait en étant toujours aussi vaste -quelque 30 mètres de largeur et 20 de hauteur-, mais 200 mètres plus loin, un grand éboulement semblait empêcher résolument une quelconque progression.

Donc point final. Ou point virgule? En effet, il existait encore une lueur d'espoir puisque nous venions d'apercevoir un renforcement de 50 centimètres de large dans la paroi de gauche, au beau milieu de la si grande galerie. Un vent fort nous invitait à y voir de plus près, et quelle n'a pas été notre surprise quand nous avons débouché sur le grand conduit, exactement de l'autre côté de l'éboulis! 200 mètres plus loin, nous sommes tombés sur un nouvel éboulis qui obstruait le passage. Un vent fort soufflait à notre rencontre, entre les blocs, mais cette première tentative de trouver un chemin entre ceux-ci s'avéra prématurée. Il était déjà assez tard et nous avions encore quelques photos à prendre.

Ça ne coûtait toutefois rien de jeter un coup d'oeil sur l'autre conduit latéral qui se révéla être une vaste galerie latérale. Une corde d'environ 15 mètres devait faire l'affaire pour venir à bout d'un petit abîme, pensions-nous.

Quelques jours plus tard, nous étions de retour en ces lieux, munis d'une carte mise à jour, et nous avons alors compris que l'éboulement où nous avons dû rebrousser chemin devait être le même que celui qui avait interrompu l'avancée de l'équipe qui s'était occupé d'effectuer l'exploration dans le sens Sud-Nord, lors d'une expédition antérieure. Un nouveau raccordement était donc envisageable. Le grand conduit s'étendrait donc sur presque la moitié de l'axe Nord-Sud du Boqueirão.

Le quatrième jour: atteignant nos objectifs.

Le dernier jour de notre équipée se passa sans surprise. Nous avons tout de suite gagné le fond de la caverne pour y entreprendre notre topo jusqu'à l'entrée du Conduto Tcha-tcha-tcha. Comme nous nous trouvions dans le secteur, la "sonde" nous a persuadé, Daniel et moi, d'achever la topo de ce tronçon, incluant un rétrécissement qui ne pouvait se franchir qu'à quatre pattes, et ce sur une distance d'à peu près 150 mètres... (voir sur la carte).

D'excellentes options restaient à envisager pour nos prochaines visites: la suite inconnue du Tcha-tcha-tcha, la possibilité d'atteindre le grand conduit un peu plus au Nord et un peu plus au Sud des limites actuelles de la cavité, et d'effectuer la jonction topographique jouxtant le Conduto da Avalanche, en venant, d'un côté du Nord par l'Estreito do Vento do Sul, et de l'autre du Sud, sans oublier aussi quelques connexions au sein du réseau déjà reconnu.

Et les conversations de bistrot n'ont pas beaucoup évolué:

- Mais tu crois que le Tcha-tcha-tcha continue?

- J'y ai déjà dit qu'il continuait...